



**RAIZ & UTOPIA: DEMOCRACIA E DISCURSO CRÍTICO NO PÓS-25 de  
ABRIL  
(1977-1981)<sup>1</sup>**

Cristiano Pinheiro de Paula Couto<sup>2</sup>

Com a Revolução dos Cravos, fastígio da erosão do colonialismo lusitano, o antigo poder autoritário sucumbiria no extremo ocidental da Europa, dando fim a quase meio século de vigência do Estado Novo. Derrubada a ditadura de Salazar, tombaria também a visão imperial do tamanho e da História de um país com uma jurisdição que se estendia dos extremos do continente africano aos confins do Oriente. Depois do Verão Quente de 1975, no momento em que se buscava a institucionalização da democracia, aparecia, em Portugal, uma revista que se propunha discutir, naquele contexto de binarismos, um conjunto de temas prontamente evidenciados, com uma abordagem fundamentada, porém, na autocomplacente reivindicação de uma exclusividade, cuja expressão maior seria uma capacidade de enunciação original, porquanto concatenada pela “criatividade e imaginação”, nos termos de seus próprios editores. Essa revista foi nomeada *Raiz & Utopia. Crítica e Alternativas para uma Civilização Diferente*.<sup>3</sup>

Os temas que discutiui foram, em especial: ecologia, agricultura orgânica, energia nuclear, religião, comunidades de base, democracia, drogas, ensino, feminismo, prisões portuguesas, psiquiatria, sociedades burocráticas, relações interpessoais, homossexualidade, marxismos. Em toda a sua crueza, a multiplicidade desses tópicos revela muito sobre a fragmentação do discurso crítico no seguimento do pós-1968 e, mais ainda, sobre o alinhamento de *R & U* à tendência pulverizadora catalisada por esse “acontecimento-ruptura fundador”,<sup>4</sup> adesão que não passou despercebida por colaboradores da revista *Seara Nova*, como António Rego Chaves,<sup>5</sup> que, em análise

<sup>1</sup> Trabalho realizado com apoio recebido do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>2</sup> Bolsista de Pós-doutorado do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo.

<sup>3</sup> Doravante: *R & U*.

<sup>4</sup> DOSSE, François. A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p. 127.

<sup>5</sup> CHAVES, António Rego. Utopia sem Raiz (Raiz & Utopia). [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<https://sites.google.com/site/incensuraveis/utopia-sem-raiz--raiz---utopia>>. Acesso em: 4 de novembro de 2014.



cáustica, notou nessa propensão atomizadora a dissimulação do conflito entre capital e trabalho, algo bastante congruente com o crescente efeito daquilo que Félix Guattari definiu como “revolução molecular”, conceito que apareceu em livro com título homônimo, publicado, aliás, em primeira edição, no mesmo ano em que apareceu *R & U*.<sup>6</sup>

Fundada por António José Saraiva (diretor), Carlos L. Medeiros e José Baptista (diretores-adjuntos), tríade que exercia também a função de editores, a revista *R & U* circulou em dezenove números, entre 1977 e 1981.<sup>7</sup> A partir do nº 5-6, Primavera/Verão de 1978, passou a ser dirigida, até ao fim, nº 17-18-19, Primavera/Verão/Outono de 1981, por Helena Vaz da Silva, que também se tornou co-proprietária da publicação, com a sede sendo transferida de Carcavelos para o Centro Nacional de Cultura, no Chiado.

Componente do núcleo de figuras tutelares de *R & U*, Carlos L. Medeiros considerou que o surgimento da ideia da revista aconteceu no princípio de 1975, momento em que foi pensado e elaborado o polémico manifesto, uma “pedrada no charco”, posteriormente publicado no número inaugural, instaurador do projeto de intervenção de *R & U*. Para aquele desassombrado grupo fundador da revista, tornara-se imprescindível restituir a cada homem a sua humanidade, tragada pelo vórtice de um mundo cada vez mais formatado. Esse posicionamento expressou a dimensão axiológica de um projeto que, de certa maneira, perfilhou a orientação de *O Tempo e o Modo* e da revista francesa *Esprit*, de Emmanuel Mounier, influências diretas.

---

<sup>6</sup> GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1985. A primeira edição francesa, *La révolution moléculaire*, foi publicada em 1977 pela Encre éditions recherches. Sobre esse conceito, ver também ONFRAY, 2004, p. 31. Interessa notar que foi publicado, em *R & U*, sob o título “Como um eco da melancolia colectiva”, um artigo de Guattari sobre o filme *Deutschland im Herbst* (Alemanha no Outono), obra coletiva de cineastas, entre os quais, Fassbinder, A. Kluge, E. Reitz e Volker Schlöndorff, pertencente à safra do que foi caracterizado como o “novo cinema alemão”. Cf. GUATTARI, Félix. Como um eco da melancolia colectiva. *Raiz e Utopia*, nº 7-8, p. 82-86, Outono/Inverno 1978.

<sup>7</sup> Não foi meramente casual a constituição da direção da revista. Sobre isso, pode-se ler, nas primeiras páginas do número inaugural, esta nota explicativa: “Por força de uma contestável disposição legal que não admite uma direcção colectiva, foi preciso designar de entre os promotores desta revista um director. Declaramos todavia que o ‘director’ e os ‘diretores-adjuntos’ se consideram solidariamente responsáveis pela orientação e pelas tomadas de posição de *Raiz & Utopia*.” O proponente do nome da revista, seja dito de passagem, foi José Baptista, que a abandonou precocemente, deixando de integrar o grupo dinamizador da publicação já no terceiro número. A saída de Baptista marcou uma virada na orientação política de *R & U*.



O número inaugural, uma brochura com 176 páginas e 15 x 21,5 cm, foi editado na primavera de 1977 e vendido por 65\$00 (sessenta e cinco escudos).<sup>8</sup> Impressão e distribuição ficavam a cargo, inicialmente, da Livraria Bertrand. Não recebia subsídios de qualquer instituição ou empresa. Embora a tiragem não conste dos dados catalográficos da revista, pode-se ler, em nota de texto de João Fatela, publicado na revista *Esprit*, que *R & U* tirava à época 7500 exemplares, de cuja venda, que não gerava suficientes meios financeiros, dependia quase exclusivamente a sua manutenção.<sup>9</sup>

*O Tempo e o Modo*, revista fundada em janeiro de 1963 e dirigida, então, por António Alçada Baptista, tendo contado com a participação importante de membros do grupo dinamizador de *R & U*, circulou até setembro 1977, em 126 números.<sup>10</sup> Uma sondagem de *O Tempo e o Modo* feita no fim de 1967, quando a revista, por diferentes razões, entre as quais a censura, acumulava prejuízos vultosos, informou que a sua tiragem chegava a 2000 exemplares. Apesar de haver uma diferença de aproximadamente dez anos entre essa sondagem e o aparecimento, em *Esprit*, do texto de João Fatela em que se comunicou a tiragem de *R & U*, e sabendo que *O Tempo e o Modo* circulava sob os auspícios da Livraria Moraes Editora, ao passo que *R & U* praticamente era mantida pelos leitores, é notável, *mutatis mutandis*, o volume de exemplares que *R & U* tirava.

Quais eram as grandes linhas da realidade internacional que atravessaram as páginas de *R & U*? No rescaldo de uma ação destruidora sem precedentes, era definido, nas Conferências de Ialta e Potsdam, em 1945, o desenho do sistema internacional que dividiria o mundo em dois blocos de influência geopolítica e cultural. Quase duas décadas depois, a Europa, ainda em reconstrução, testemunhava, em 1961, o tétrico

---

<sup>8</sup> O Salário Mínimo Nacional (geral), em janeiro de 1977, era de 4500\$ (quatro mil e quinhentos escudos), de acordo com dados da Direcção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho/Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social.

<sup>9</sup> Ver nota de rodapé # 1 in FATELA, João. Raiz e Utopia. *Esprit* (Les europeens en politique), nº 12, p. 168, Dezembro 1979. Fatela, que era antropólogo, integrou o grupo dinamizador de *R & U*. Naquela época, vivia na França, escrevendo regularmente para a *Esprit*, revista que exercia influencia direta em *R & U*. Estava exilado em Paris desde 1971, tendo cruzado clandestinamente a fronteira, nas cercanias da aldeia de Vilar Formoso, ajudado por amigos. Permaneceu décadas em França. Uma versão em português desse texto foi publicada no nº 11-12 de *R & U*.

<sup>10</sup> No contexto de sua fundação, *O Tempo e o Modo* foi resultado das ideias e atividades do grupo *O Pacto*, composto por cinco casais: António Alçada Batista e Maria José de Magalhães Coutinho Guedes; Nuno Bragança e Maria Leonor da Fonseca e Matos Goes Caupers; João Bénard da Costa e Ana Maria Toscano, Pedro Tamen e Maria Isabel Bénard da Costa; e Alberto Vaz da Silva e Helena Vaz da Silva. Praticamente todos os integrantes de *O Pacto* tiveram algum tipo de relação, mais ou menos estreita, com *R & U*.



erguimento da “cortina de ferro”, expressão cabal desse sistema de poder que emergiu no rastro da Segunda Guerra Mundial. No ano seguinte, a humanidade assistia, aterrada, e de muito perto, na Crise dos Mísseis, em Cuba, a ameaça da Terceira Guerra Mundial. Da comoção produzida pelo prenúncio do horror, era escrita, por João XXIII, a encíclica Paz na Terra (*Pacem in Terris*), documento pontifício resultante do espírito dessa época (*Zeitgeist*) de proliferação nuclear, de escalada de tensão e de dissuasão entre duas ideologias políticas.

O mundo bipolar da Guerra Fria era um domínio de posições irreduzíveis. Perseguia-se a hegemonia, e as “forças alternativas”, que *R & U* pretendia representar, não tinham oportunidade nas proposições de interlocutores entrincheirados em coerências absolutas, decisivamente dispostos a excluir o meio termo. O fim da turbulenta década de 1970 e o princípio da década de 1980 foi marcado pelo solapamento da *détente* e pelo paulatino declínio da União Soviética, vergada pelo elevado aumento dos gastos militares. Enquanto no Leste comunista o *urso* Misha, na cerimônia de encerramento dos jogos olímpicos de Moscou, pareceu presentir o colapso, deixando escorrer uma lágrima de seus olhos, em Portugal, o meio intelectual, ainda que decididamente concentrado na convulsionada realidade nacional, seguia o reordenamento do sistema internacional, atento aos indícios da formação de uma nova arquitetura de poder. O retesado equilíbrio de poder do sistema da Guerra Fria começava a afrouxar, e os intelectuais portugueses, entre os quais aqueles que pertenciam ao grupo de *R & U*, distinguiam essas mudanças e tentavam identificar as consequências que adviriam delas, tentavam reconhecer os efeitos que poderiam acarretar no processo de institucionalização política em curso no país.

O regime instaurado com a queda do salazarismo, ao contrário do Estado fascista derrubado pela Revolução portuguesa de 1974-76, aproximava-se do sistema estabelecido no bloco soviético, com resultados políticos insólitos, senão contraditórios, pois, ironicamente, ambos regimes, com ideologias opostas, possuíam indissimuláveis marcas totalitárias, contrassenso derivado, talvez, daquela mega-armadilha que a modernidade preparou: “a transformação incessante das energias emancipatórias em energias



regulatórias.”<sup>11</sup> Se, além dos Cárpatos, sobrevieram, outrora, cruentas perseguições, em Portugal não faltaram “saneamentos”, traduzidos na ausência de espaço para perspectivas dissidentes, como a do escritor José Rentes de Carvalho, cuja análise heterodoxa dos processos políticos resultantes da Revolução dos Cravos, escrita em 1975, não pôde ser publicada imediatamente em Portugal, permanecendo no ostracismo por várias décadas.<sup>12</sup>

Naquela altura, setores da sociedade portuguesa estavam comprometidos com a democratização, o que reforçaria a constituição de uma burocracia político-econômica, ao passo que refletiria a hesitação em apropriar-se da criatividade multifária dos anos iniciais da Revolução, derivando daí a razão de ser de *R & U*, pois a revista tencionava exatamente produzir a crítica (a *raiz*) e a contra-proposta (a *utopia*) da burocratização das sociedades, fossem democráticas, fossem totalitárias.<sup>13</sup> Embora tenham havido ocasiões em que seus próprios integrantes caracterizaram a revista como um espaço de isenção absoluta, por não ter pertencido, presumivelmente, a “nenhuma capela nem a nenhum partido”, *R & U* desenvolveu viés muito próprio sobre aquela democracia que se foi plasmando dos processos sócio-políticos deflagrados pela Revolução dos Cravos.

Apesar da pretensa neutralidade que faria de *R & U* “um espelho e um laboratório de linguagens e acções do pós-Abril”,<sup>14</sup> não é possível separar as posições da revista de uma visão de mundo situada cultural e historicamente, cujo desenvolvimento remonta, pelo menos, aos primeiros anos da década de 1960, quando o grupo *O Pacto* começou a reunir-se, aglutinando ideias e sensibilidades sociais e culturais nenhum pouco vulgares. Portanto, a atitude analítica de *R & U* sobre a democracia, com as diferentes nuances que porventura apresentou, não terá expressado ideias largamente disseminadas no senso comum. Ainda que os posicionamentos enunciados na revista não possam ser encarados como algo excêntrico para a formação do discurso contra-hegemônico então vigente, Portugal, recém-saído de uma ditadura obscurantista, não estava propriamente saturado

---

<sup>11</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez Editora, 1995, p. 92.

<sup>12</sup> O livro de Rentes de Carvalho foi editado, em novembro de 1975, em língua neerlandesa, com o título *Portugal, de Bloem en Sikkell* (De Arbeiderspers - Amsterdão). Em Portugal, foi publicado apenas quarenta anos depois, em 2014, com o título *Portugal, a Flor e a Foice*, editado pela Quetzal.

<sup>13</sup> FATELA, João. Em torno de Raiz e Utopia. Fazer uma revista. *Raiz e Utopia*, nº 11-12, p. 114, Outono/Inverno 1979.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 115.



do pensamento crítico que circulava naquela época. Como quer que seja, o fim do Estado Novo tornou as fronteiras culturais muito mais abertas ao fluxo de ideias, e é certo que havia setores sociais, como o meio intelectual, extremamente receptivos e absorventes, sendo notável, nomeadamente, a influência das ciências sociais francesas em *R & U*, haja vista a destacada presença de textos de Claude Lefort, Cornelius Castoriadis, Félix Guattari, Edgar Morin, Roger Garaudy, Pierre Clastres, Philippe Raynaud, Patrick Viveret, Paul Thibaud etc.

Assumindo uma concepção histórica avessa à teleologia, logo alheia a qualquer laivo de previsibilidade, e uma noção de sociedade como evento instável, em que tudo o que existe está permanentemente a ponto de desaparecer, como afirmou Edgar Morin na entrevista com João Fatela publicada no nº 5-6,<sup>15</sup> a revista aderiu a correntes de pensamento emergentes no decurso da crise do cronótopo historicista,<sup>16</sup> crise estreitamente relacionada com o que Boaventura de Sousa Santos reconheceu como a exaustão das possibilidades emancipatórias da modernidade.<sup>17</sup> Habermas, por sua vez, pensando nas vicissitudes do projeto moderno e no ocaso da sociedade do trabalho, registrou tal estado de ânimo na expressão “esgotamento das energias utópicas”.<sup>18</sup>

Desse modo, a análise do posicionamento de *R & U* sobre a democracia deverá ter como premissas tanto a visão não finalista da História como o entendimento da condição da sociedade como evento em constante risco, concepções avocadas pela revista e ineludivelmente moderadoras de suas intervenções. O período em que *R & U* circulou coincide com o contexto em que Enrico Berlinguer preconizou a compreensão da democracia como um valor historicamente universal. Como a revista, manifestamente hostil às inclinações racionalizadoras da civilização organizacional ou burocrática, terá recebido a sugestão dada pelo dirigente italiano? Quando se foi consolidando cada vez mais o desfalecimento de um projeto social global, propriamente político, *R & U*, mesmo que à falta de universal, terá tido êxito em reunir representantes do discurso crítico em

---

<sup>15</sup> Da série de entrevistas 68/78. MORIN, Edgar. Crise e criatividade. *Raiz & Utopia*, nº 5-6, p. 87, Primavera/Verão de 1978. Entrevista concedida a João Fatela.

<sup>16</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *After 1945: Latency as origin of the present*. Stanford: Stanford University Press, 2013, p. 201.

<sup>17</sup> SANTOS, op. cit., p. 103.

<sup>18</sup> HABERMAS, Jürgen. A nova intransparência. A crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas. *Novos Estudos*, nº 18, pp. 103-114, setembro de 1987.



torno de um projeto político comum ou terá possuído uma potente força interventora esvanecida em frentes difusas?

## BIBLIOGRAFIA

ARICÓ, José María. Pasado y Presente. *Pasado y Presente*. Revista Trimestral de Ideología y Cultura, Córdoba, año I, nº 1, p. 1-17, abril/junio de 1963.

CARVALHO, J. R. *Portugal, a Flor e a Foice*. Lisboa: Quetzal, 2014.

CHAVES, António Rego. Utopia sem Raiz (Raiz & Utopia). [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <<https://sites.google.com/site/incensuraveis/utopia-sem-raiz--raiz---utopia>>. Acesso em: 4 de novembro de 2014.

DOMENACH, Jean-Marie. Entre le prophétique et le clérical. *La revue des revues*, Paris, nº 1, p. 21-31, 1986.

DOSSE, François. *La marche des idées: Histoire des intellectuels, histoire intellectuelle*. Paris: Éditions La Découverte, 2003.

FATELA, João. Raiz e Utopia. *Esprit* (Les europeens en politique), nº 12, p. 168-170, Décembre 1979.

\_\_\_\_\_ Em torno de Raiz e Utopia. Fazer uma revista. *Raiz e Utopia*, nº 11-12, p. 114-115, Outono/Inverno 1979.

\_\_\_\_\_ Pensar a democracia. *Raiz e Utopia*, nº 11-12, p. 44-47, Outono/Inverno 1979.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton. Cultural journalism in Brazil: Academic research, visibility, mediation and news values. *Journalism*, vol. 10 (1), p. 69-89, February 2009.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_ Como um eco da melancolia colectiva. *Raiz e Utopia*, nº 7-8, p. 82-86, Outono/Inverno 1978.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *After 1945: Latency as origin of the present*. Stanford: Stanford University Press, 2013.



HIRST, P. . Representative democracy and its limits. *The Political Quarterly*, Oxford, v. 59, issue 2, p. 190-205, April 1988.

LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MAXWELL, Kenneth. *The making of Portuguese democracy*. New York: Cambridge University Press, 1997.

MORAÑA, Mabel. Revistas culturales y mediación letrada en América Latina. *Otra Travessia*, nº 40/1, Ilha de Santa Catarina, p. 67-74, 2º semestre de 2003.

MORIN, Edgar. Crise e criatividade. *Raiz & Utopia*, nº 5-6, p. 82-87, Primavera/Verão de 1978. Entrevista concedida a João Fatela.

ONFRAY, Michel. Misère (et grandeur) de la philosophie: Des clercs médiatiques à l'Université populaire. *Le Monde Diplomatique*, Paris, année 51, nº 607, p. 30-31, octobre 2004.

PLUET-DESPATIN, Jacqueline. Une contribution à l'Histoire des intellectuels: Les revues. In: RACINE, Nicole; TREBITSCH, Michel (Orgs.). *Cahier de l'IHTP* (Sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, reseaux). Paris: IHTP/CNRS, nº 20, p. 125-136, 1992.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. Le discours culturel dans les revues latinoaméricaines de 1940 à 1970. *América*, cahiers du CRICCAL (Centre de Recherches Interuniversitaire sur les Champs Culturels en Amérique Latine), nº 9-10, Presses de la Sorbonne Nouvelle, Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, mars 1992.

\_\_\_\_\_ Raymond Willians y Richard Hoggart: sobre cultura y sociedad. *Punto de Vista*, Buenos Aires, año II, nº 6, p. 9-18, julio de 1979.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

WILLIAMS, Raymond. A fração Bloomsbury. *Plural*; Sociologia, USP, S. Paulo, 6: 139-168, 1. sem. 1999.



# XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS

27 A 31 DE JULHO DE 2015

FLORIANÓPOLIS - SC